

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA  
FONSECA**

**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS  
BACHARELADO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS  
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

**Thayza Aparecida dos Santos**

**MOVIMENTO DE MULHERES E REDES DE SORORIDADE: UMA ANÁLISE  
SOBRE *O CONTO DA AIA***

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

**Thayza Aparecida dos Santos**

**MOVIMENTO DE MULHERES E REDES DE SORORIDADE: UMA ANÁLISE  
SOBRE *O CONTO DA AIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do Departamento de Línguas Estrangeiras Aplicadas, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

Orientador: Prof. Leandro da Silva Gomes Cristóvão

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S237 Santos, Thayza Aparecida dos  
Movimento de mulheres e redes de sororidade: uma análise  
sobre o Conto da Aaia / Thayza Aparecida dos Santos. — 2022.  
46f. : il. ; enc.

Projeto Final (Graduação) Centro Federal de Educação  
Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2022.

Bibliografia : f. 45-46

Orientador: Leandro da Silva Gomes Cristóvão

1. Feminismo. 2. Papel sexual. 3. Identidade (Psicologia). 4.  
Fundamentalismo religioso. I. Cristóvão, Leandro da Silva Gomes  
(Orient.). II. Título.

CDD 305.42

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

## AGRADECIMENTOS

Não poderia começar essa dedicatória sem mencionar todas as mulheres da minha vida. Primeiramente gostaria de agradecer ao meu principal exemplo de mulher, minha mãe Cláudia, que sempre colocou as minhas necessidades e as do meu irmão acima de tudo, sem seus sacrifícios eu não chegaria até aqui. Ela lutou para que eu pudesse ser a primeira pessoa em nossa família a se graduar e por isso dedico esta conquista primeiramente a ela. Só ela sabe o peso de ser uma mãe solo e ter que lutar sozinha pelo futuro de dois filhos.

Sou grata também as minhas amigas Mylena Coração, Lohana Carvalho, Isadora Pacheco, Ana Carolina Falheiro, Ana Carolina Rodrigues e Ana Beatriz Corrêa por me darem forças ao longo dessa jornada. Durante esses cinco anos, muitas vezes pensei em desistir e minhas colegas, que hoje considero irmãs, foram meu alicerce para que eu não desistisse.

Dedico também este trabalho as minhas amigas Ana Clara, Marion, Fernanda, Rebecka, Roodline e Nikita, manter um laço tão forte mesmo à continentes de distância é poder compartilhar todo sentimento puro do seu coração com quem te aceita e se importa mesmo estando dentro de uma tela, a verdadeira força da amizade transpõe todas as barreiras.

E finalmente, ao meu professor orientador Leandro da Silva Gomes Cristóvão. Sem sua mentoria eu não teria capacidade de concluir esse trabalho. Ele me guiou e acolheu durante todo o processo. Obrigada pela inesgotável paciência, pela confiança em mim depositada, pelos conselhos e por sempre ter me compreendido.

A todas as mulheres de minha vida – amigas,  
familiares – que me amam, sempre me desafiaram  
e apoiaram ao longo do caminho.

## RESUMO

SANTOS, Thayza Aparecida. **Movimento de mulheres e redes de sororidade: Uma análise sobre *O Conto da Aia***. 2022. X páginas. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

O presente estudo analisa o romance distópico *O Conto da Aia* de Margaret Atwood, objetivando entender em que medida acontecem as interações entre as mulheres de Gilead. Para tanto, lida-se especificamente com a noção de sororidade para compreender as relações entre as classes sociais das mulheres no romance. Este trabalho discorre sobre o enredo da obra de Atwood, o contexto político em que ela a escreveu e as características do movimento social de mulheres para melhor entender em que medida é possível perceber alguma influência da obra nas práticas desse movimento no contexto atual.

**Palavras-chave:** Sororidade. Feminismo. *O Conto da Aia*.

## **ABSTRACT**

The present study analyzes the dystopian novel *The Handmaid's Tale* by Margaret Atwood, aiming to understand to what extent the interactions between the women of Gilead happen. To do so, it deals specifically with the notion of sorority to understand the relations between the social classes of women in the novel. This paper discusses the plot of Atwood's work, the political context in which she wrote it, and the characteristics of the social movement of women to better understand to what extent it is possible to perceive some influence of the work in the practices of this movement in the current context.

**Keywords:** Sorority. Feminism. *The Handmaid's Tale*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA E SEUS IMPACTOS .....</b>	<b>12</b>
<b>3 MOVIMENTO DE MULHERES E NOÇÕES DE SORORIDADE NO OCIDENTE</b>	
<b>19</b>	
3.1 CONCEITO .....	19
3.2 CRÍTICA.....	22
3.3 SORORIDADE NA MÍDIA .....	24
<b>4 ANÁLISE DE O CONTO DA AIA .....</b>	<b>27</b>
4.1 OFFRED E TIA LYDIA .....	28
4.2 OFFRED E SERENA JOY .....	31
4.3 OFFRED E OFGLEN .....	35
4.4 OFFRED RESISTINDO AO SISTEMA .....	39
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O romance *O Conto da Aia*, escrito por Margaret Atwood, foi publicado em 1985 no final do século em que a sociedade estava à beira de alcançar, ao menos em termos oficiais, a igualdade de direitos entre os gêneros no Ocidente. Ainda assim, na fictícia República de Gilead, não há rastros de liberdade ou mobilização em prol dos direitos das mulheres. Por que a autora escolheu retratar um futuro que seria tão opressor em relação às mulheres? O que a levou a acreditar que o movimento de mulheres que ela presenciou poderia se tornar um fracasso? Para isso, é importante contextualizar a experiência social em que Atwood vivenciou o movimento feminista, sua evolução, para que melhor possamos compreender mais criticamente sua obra.

Iniciadas no final do século XIX, as manifestações contra a discriminação feminina (LOURO, 1997), também conhecidas como a primeira onda do feminismo, orquestradas por mulheres do Reino Unido e dos EUA traziam como principal crítica as desigualdades sistemáticas. Elas acreditavam que garantir a igualdade jurídica, o direito ao voto e acesso às profissões liberais traria maior reconhecimento aos seus valores e levaria a uma melhoria moral e social. O Movimento das Mulheres se alastrou pelo Ocidente culminando na aprovação de reformas legislativas que trouxeram triunfos que se mantiveram pelos próximos quarenta anos.

No entanto, em 1960 o movimento social de mulheres deu uma nova guinada. A segunda onda do feminismo debatia que problemas sociais como desigualdade e discriminação, não discutidos anteriormente, eram igualmente importantes. Segundo Louro (1997), diferentes grupos expressavam sua inconformidade em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, à segregação e ao silenciamento. O Movimento das Mulheres é duramente criticado nesse contexto, uma vez que o enfoque principal era voltado para mulheres brancas e de classe média. Infelizmente, a problemática da sobreposição de grupos dentro de movimentos sociais ainda acontece atualmente, e apesar do progresso, mulheres negras, LGBTQIA+<sup>1</sup>, assim como outras minorias acabam sendo negligenciadas.

Por consequência, o marco da rebeldia e contestação no ano de 1968 ficou compreendido como “(...) uma referência a um processo maior, que vinha se construindo e que continuaria se desdobrando em movimentos específicos” (LOURO, p.16, 1997). Maio de 1968 foi um intenso período de manifestações em que mulheres, estudantes, intelectuais, entre outros

---

<sup>1</sup> A sigla LGBTQIA+ engloba pessoas que são lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e mais.

diferentes grupos (LOURO, 1997) tomaram as ruas para expressar sua insatisfação com o sistema político e social vigente. Inspiradas em escritoras feministas como Simone de Beauvoir, as mulheres reivindicavam liberdade sexual, igualdade no mercado de trabalho e o fim da ideia de que papéis domésticos são o único objetivo de vida. As militantes feministas à época se sentiam excluídas e acabavam por iniciar sua própria mobilização e esses novos subgrupos competiam por reconhecimento e autoridade, impactando a construção de eventuais solidariedades entre as mulheres.

Em *O Conto da Aia*, Margaret Atwood separa as mulheres em grupos muito distintos: as esposas, as tias, marthas, aias, econosposas e as não mulheres; e designa trabalhos específicos para cada uma delas, sendo diferenciadas pelas suas vestimentas e até mesmo trocando seus verdadeiros nomes<sup>2</sup>. Ao que parece, esta é a forma dramática que a autora encontrou para representar as diferenças entre os subgrupos dentro do movimento feminista e sua incapacidade de colaboração. Durante uma entrevista, quando perguntada sobre qual movimento apoia e se ela poderia ser considerada uma “autora feminista”, Atwood disse:

Feminista é agora uma palavra para todos os fins. Realmente pode significar qualquer coisa, desde pessoas que pensam que homens devem ser empurrados de penhascos até pessoas que pensam que não há problema algum em mulheres lerem e escreverem. Todas essas podem ser chamadas de posições feministas. (ATWOOD, 1983, online<sup>3</sup>, tradução nossa)

Aparentemente, a autora não concorda com a polarização do movimento feminista, apesar de ser uma entrevista que antecede a obra, ela deixa explícito em *O Conto da Aia* que se as mulheres seguirem desunidas, todas as conquistas como amplo acesso a contraceptivos, legalização do aborto, o direito ao voto, ao trabalho entre outros direitos reivindicados podem ser facilmente desfeitas. Através das personagens em seu romance, ela enfatiza a imprecisão das crenças populares feministas durante a época em que escreveu o livro, analisa e critica a segunda onda do feminismo, e através de uma profecia conta como a falta de solidariedade entre os subgrupos dentro do movimento feminista não só pode colocar as mulheres umas contra as outras, mas também, sob o controle dos próprios agentes da opressão dos quais elas tanto desejam escapar.

Este trabalho, portanto, será elaborado através de uma análise do livro *O Conto da Aia*, juntamente ao estudo de bibliografias de fontes primárias e secundárias. O objetivo central será

---

<sup>2</sup> Maior detalhamento sobre os dados da obra no próximo capítulo.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43469583>. Acesso em: 26/07/2022.

analisar a noção de sororidade entre as classes das mulheres em *O Conto da Aia*, e entender em que medida é possível perceber alguma influência da obra nas práticas do movimento social de mulheres no contexto atual.

Para isso, buscarei responder as seguintes questões: 1) há sororidade entre as mulheres de Gilead?; 2) essa sororidade é interna às classes ou ela também existe entre uma classe e outra?; 3) é possível fazer uma leitura do Conto da Aia orientada por uma perspectiva não ficcional, mas histórica do movimento social de mulheres?

Dessa maneira, realizarei uma pesquisa bibliográfica com aporte nas diversas vertentes político-teóricas do feminismo. Há duas camadas a serem analisadas, a primeira e mais fundamental são as disputas entre as mulheres feministas. O movimento social de mulheres não é apenas um, nem todas se orientam pelas mesmas perspectivas, conseqüentemente, essas divergências dentro do feminismo geram conflitos. A segunda camada, portanto, será um estudo sobre a origem do conceito de sororidade e o exercício de cada mulher de se colocar no lugar de outras respeitando seus respectivos contextos, e como o termo está conectado com o sentido dos movimentos feministas.

O intuito deste trabalho é contribuir com os estudos do protagonismo feminino e a sororidade entre as mulheres. Uma vez que elas passam a se perceber como um todo, rompe-se um dos preceitos do patriarcado que solidificam as bases da relação de poder hierárquica de homens sobre as mulheres, isto é, o pensamento enraizado e naturalizado de que sempre existirá uma rivalidade feminina.

O texto está dividido em cinco seções, sendo esta introdução a primeira. A seguir, faço uma contextualização acerca do que é abordado na obra que serviu como objeto de estudo e seus impactos sociais no passado e na atualidade. Na seção seguinte, exploro as vertentes do feminismo, seguindo com a disseminação do movimento das mulheres no Ocidente ao longo dos anos e apresento o conceito de sororidade para entender como ele passou a fazer parte do movimento feminista. Logo depois realizo uma análise do livro sobre sua proximidade histórica ao movimento feminista, buscando compreender até que o ponto esta ficção especulativa se aproxima da realidade atual, já que alguns aspectos do romance foram inspirados em acontecimentos políticos e sociais do início dos anos 80. E, por fim, uma seção destinada às conclusões e reflexões finais.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA E SEUS IMPACTOS

Na distopia futurista de Margaret Atwood, *O Conto da Aia*, uma facção religiosa extremista denominada “Filhos de Jacó”, organizou um grupo militar que através de um golpe de estado assassinou o presidente e membros do Congresso, destituindo o atual governo dos Estados Unidos e estabelecendo assim um novo regime teocrático. O regime rígido e moralista, teoricamente, restringe a todos, mas na prática homens de maior influência estruturaram a República de Gilead para que pudessem obter todo o poder. A nova ordem trabalha velozmente para reorganizar a sociedade estadunidense ao longo de um novo modelo militarizado e hierárquico de fanatismo religioso inspirado no Antigo Testamento e suas castas sociais recém-criadas. Nessa sociedade, os direitos humanos, especialmente das mulheres, são severamente limitados.

Na trama, a maior parte da população é estéril e as taxas de natalidade diminuíram drasticamente devido à crescente degradação ambiental e às doenças sexualmente transmissíveis. Alegando seu desejo de deter o declínio da taxa de natalidade, os Filhos de Jacó reestruturaram o governo americano liberal democrático a fim de organizar uma nova sociedade patriarcal centrada na reprodução. Os Filhos justificam essa nova teocracia totalitária através de passagens bíblicas e mantêm o controle absoluto por meio de uma rede de espiões chamada “Olhos”. Além disso, eles estabelecem um novo sistema de classes sociais, com homens assumindo funções militares e mulheres papéis domésticos tradicionais.

A facção religiosa de Gilead, como um símbolo de status para os homens, divide homens e mulheres em um regime de classes sociais distintas com base em suas funções. As mulheres não podem mais ler ou circular livremente em público e, além disso, estão sujeitas a estupros planejados pelo Estado a fim de dar à luz filhos para o regime. No topo dessa hierarquia estão os Comandantes da Fé, que são como políticos e legisladores que projetaram e dirigem Gilead. Ao lado deles, estão as Esposas que também pertencem à elite de Gilead, embora, naturalmente, sendo mulheres, tenham significativamente menos status. Obedientes e solícitas elas não podem sair para trabalhar ou estudar, devem ficar em casa, aguardar pacientemente o marido e cuidar para que a aia possa conceber seu filho. Em seguida estão os Olhos, que respondem aos Comandantes da Fé. Eles são uma rede de polícia secreta que mantém a população sob controle. Abaixo dos Olhos estão as Tias, mulheres mais velhas responsáveis por supervisionar o treinamento e a doutrinação das aias. E então chegamos às aias, a classe mais importante e a mais oprimida de Gilead. Mulheres férteis que vivem com a elite e geram seus filhos, elas

perdem seus nomes de nascimento após a atribuição, em vez disso, são chamadas de “Of + primeiro nome de seu comandante”<sup>4</sup>. Na parte inferior dessa pirâmide estão as Marthas, as governantas ou empregadas domésticas que tomam conta das famílias ricas ou de alto nível e só têm permissão para realizar tarefas dentro de casa.

Às margens dessa sociedade, estão as Econosposas, mulheres comuns, esposas de homens de baixa patente que agora trabalham em empregos braçais para sustentar o estilo de vida da elite. E as Não Mulheres, que são aquelas enviadas a Jezebel's<sup>5</sup>, nome dado a bordéis e clubes secretos, para trabalhar como prostitutas em Gilead. As mulheres enviadas são geralmente rebeldes a quem é oferecida a escolha entre a prostituição e as Colônias. No entanto, elas ainda são degradadas e tratadas como objetos sexuais; elas devem se envolver em atos sexuais com os patronos dos clubes, e caso recusem, são banidas para as Colônias. Jezebel's não são oficialmente aprovados pelo regime, pois claramente violam todas as leis e valores que Gilead defende. Apenas alguns comandantes sabem da presença dos clubes; e é extremamente proibido que outras mulheres, como Esposas e, em particular, Aias, sejam levadas para lá. Já as Colônias são áreas da América do Norte que foram contaminadas por poluição e lixo radioativo. Gilead frequentemente envia Não Mulheres condenadas por vários crimes, e alguns homens, para as Colônias, como forma de exílio para puni-los.

Os detalhes de Gilead são expostos através dos olhos de seus personagens, principalmente da protagonista. Offred é uma das poucas mulheres férteis que restaram na América que foram recolhidas e privadas de seus direitos humanos e forçadas a gerar filhos para a elite. Seguimos sua jornada enquanto ela tenta sobreviver a este novo mundo, aprendendo sobre sua vida anterior por meio de uma série de flashbacks. Sua história começa a partir do momento em que ela se instala na casa de um novo comandante de alto escalão, Fred, e sua esposa, Serena Joy, para sua terceira atividade como aia. Offred vive com direitos mínimos, ela está proibida de ler, escrever e falar livremente, passa a maior parte de seu tempo confinada em seu quarto e só pode deixar a casa em idas supervisionadas ao médico ou ao supermercado. Uma vez por mês, Offred tem que participar da Cerimônia, um ritual religioso no qual ela deve fazer sexo com o comandante cujo resultado pretendido é que ela possa gerar

---

<sup>4</sup> Os nomes das aias denotam o Comandante de cada uma. Exemplo: "Offred," "Ofglen," "Oferic", etc. Então, "Offred" significa "Of Fred" em inglês, ou seja, "De Fred".

<sup>5</sup> O nome Jezebel's provavelmente se refere à Jezebel bíblica, uma vaidosa e manipuladora rainha de Israel que foi casada com o rei Acabe. Ela encorajou o marido a se afastar de Deus, perseguiu seguidores de Deus e cometeu vários outros atos de crueldade. No final, o povo se rebelou e jogou Jezebel de uma janela, e seu cadáver foi dilacerado e comido por cães selvagens. Jezebel é frequentemente associada a falsos profetas e prostitutas. Nos tempos modernos, "Jezebel" às vezes é associado ou se refere diretamente a uma mulher considerada promíscua, imodesta ou moralmente desprovida.

filhos para o casal. Os Filhos de Jacó, que fazem uso de passagens bíblicas de forma literal, encontraram precedentes para justificar o ato, especificamente, a história de Jacó e sua esposa estéril Raquel, que num ato de desespero oferece sua serva para se deitar com seu marido para que ela pudesse gerar seus filhos.

Através dos flashbacks, aprendemos sobre a vida anterior de Offred e os eventos que levaram à sua captura. Antes do golpe orquestrado pelo grupo conspiratório, Offred se chamava June e tinha um marido, uma filha, um emprego e uma vida normal de classe média americana. A partir do momento em que o regime cristão fundamentalista chega ao poder, além da perseguição de grupos sociais minoritários, intelectuais, ativistas e de outras religiões, todas as mulheres têm suas contas bancárias bloqueadas e são demitidas de todas as empresas e órgãos do país. June tem sua identidade destruída, separada de sua família e reduzida a "um útero de duas pernas". Ela e seu marido Luke tentam fugir para o Canadá antes que sua filha seja tirada deles, uma vez que Luke era um divorciado, seu casamento com June foi automaticamente anulado. Porém, antes mesmo de chegar à fronteira, eles são pegos e June é levada para o Centro Vermelho, onde as mulheres eram encarceradas, doutrinadas e treinadas para serem aias por meio de violência, coerção e ensinamentos bíblicos.

*O Conto da Aia* foi publicado num momento em que muitos grupos conservadores iam contra todas as conquistas da segunda onda do movimento feminista. Essa onda de conservadorismo atacava o direito reprodutivo das mulheres, através de leis de direitos civis dos fetos e protestos contra o aborto envolvendo incêndios a clínicas que realizavam o procedimento (RONDELLI, 2021). Na história, Atwood imagina um futuro em que o movimento conservador ganha a vantagem e não apenas destrói o progresso que as mulheres fizeram em direção à igualdade, mas as torna completamente subservientes aos homens. Em sua primeira aula de escrita criativa ela também afirmou que todos os aspectos de sua sociedade fictícia foram retirados de algo que já existia no passado ou presente em algum lugar do mundo (ATWOOD, 2018), como políticas menstruais em que as mulheres eram proibidas de usar quaisquer métodos contraceptivos (IDOETA, 2019), crianças indígenas sendo retiradas de suas famílias e entregues a instituições religiosas em países como Austrália, Canadá e Estados Unidos, ou sendo capturadas pelo governo e adotadas ilegalmente por serem filhas de militantes contra o golpe de 1976 na Argentina (SUTTERUD, 2014).

O livro foi escrito enquanto Atwood vivia muito perto de um regime totalitário. As marcas daquele pensamento estão por toda parte na obra, e é um romance que lembra em muitos aspectos elementos da Alemanha Nazista e de outros regimes. A natureza do pensamento

totalitário é uma das características mais destacadas deste livro, principalmente em sua ênfase sobre vigilância e terror.

Em seu lançamento, a obra literária causou imediatamente um certo rebuliço. Embora tenha sido considerada leitura básica das aulas de literatura de ensino médio e nas universidades, sua leitura foi proibida em algumas escolas dos Estados Unidos e nada poderia ter ajudado mais as vendas. Atwood atrasou a ideia de *O Conto da Aia* por cerca de três anos pois sentiu que era uma ideia um pouco maluca, conforme registra Rothstein, em texto publicado em 1986. Em 2017, a autora contou ao *The New York Times* sobre como começou a escrever o romance e as condições em que o escreveu:

Na primavera de 1984, comecei a escrever um romance que não era inicialmente chamado de "O Conto da Aia". Escrevi à mão, principalmente em blocos de notas amarelos, depois transcrevi meus rabiscos quase ilegíveis usando uma enorme máquina de escrever manual com teclado alemão que aluguei. O teclado era alemão porque eu morava em Berlim Ocidental, que ainda estava cercada pelo Muro de Berlim: o império soviético ainda estava forte e não desmoronaria por mais cinco anos. Todos os domingos, a Força Aérea da Alemanha Oriental emitia estrondos sônicos para nos lembrar do quão próximos eles estavam. Durante minhas visitas a vários países atrás da Cortina de Ferro - Tchecoslováquia, Alemanha Oriental - experimentei a cautela, a sensação de estar sendo espionada, os silêncios, as mudanças de assunto, as formas oblíquas pelas quais as pessoas podem transmitir informações, e isso tinha uma influência no que eu estava escrevendo. O mesmo aconteceu com os edifícios reaproveitados: "Isso costumava pertencer a – e havia o nome dos antigos proprietários –, mas então eles desapareceram." Eu ouvi essas histórias muitas vezes. Ter nascido em 1939 e voltado à consciência durante a Segunda Guerra Mundial, me fez perceber que as ordens estabelecidas poderiam desaparecer da noite para o dia. A mudança também pode ser tão rápida quanto um raio. "Isso não pode acontecer aqui" não podia ser confiável: qualquer coisa pode acontecer em qualquer lugar, dadas as circunstâncias. (ATWOOD, 2017, online, tradução nossa)

Ainda na década de 1980, o livro recebeu prêmios e indicações nas categorias de literatura e ficção em língua inglesa, além disso, também ganhou adaptações em formato de filme, ópera e espetáculo de balé (BAUER, 2019). Contudo, as manifestações mais diretas do efeito da obra talvez só tenham acontecido no contexto da eleição estadunidense de 2016 (RONDELLI, 2021). A política conservadora e a postura do presidente Donald Trump diante de questões como homofobia e aborto eram questionáveis, colocando a população em estado constante de alerta. Sua eleição impulsionou as vendas de *O Conto da Aia* em 2017, e segundo a Amazon<sup>6</sup>, foi o livro mais lido daquele ano.

Mas, foi somente com a adaptação para a série homônima, *The Handmaid's Tale*, que a história viria a ganhar um alcance surpreendente. Em sua estreia na plataforma de *streaming*

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://time.com/5059023/most-read-books-2017-amazon/?amp=true>. Acesso em: 26 julho 2022.

*Hulu*, o seriado quebrou o recorde de audiência, e como resultado recebeu prêmios de grande relevância como o *Globo de Ouro* e *Emmy*. Além disso, segundo o jornal *The Guardian*<sup>7</sup>, a adaptação foi classificada em 25ª posição entre as cem melhores séries de TV do século XXI em 2019.

Como efeito de toda essa repercussão, mulheres ao redor do mundo, inspiradas pela trama, começaram a se vestir como as aias da história, para protestar a favor do direito das mulheres e contra políticas de violação de direitos humanos. Embora seja um símbolo de vergonha, subserviência e represente uma relação tóxica entre Estado-Igreja no livro e na série, a roupa usada pelas aias emergiu como um dos símbolos mais fortes da resistência feminina causando uma inversão de sua associação com a opressão das mulheres. A respeito da grande influência de seu best-seller nos protestos ao redor do mundo, Margaret Atwood declarou ao jornal *The Guardian*:

O traje de aia foi adotado por mulheres em muitos países como um símbolo de protesto sobre várias questões relacionadas com a requisição de corpos de mulheres pelo Estado. (...) Ele até foi usado em pôsteres no contexto da relação Trump-Putin, com Trump como a aia. Por ser um símbolo visual, as mulheres podem usá-lo sem medo de serem presas por causarem distúrbios, como fariam por gritar em lugares como as legislaturas. Ninguém pode acusá-las de falta de recato: estão bem encobertas. Mas todos que veem esses grupos de mulheres sabem o que eles significam no contexto do protesto individual, seja na Irlanda, Argentina ou Arizona. (...) Em países que proíbem contraceptivos e informações sobre saúde reprodutiva, o Estado reivindica a propriedade dos corpos das mulheres por meio da gravidez forçada. O que o traje realmente pergunta aos espectadores é: queremos viver em um estado de escravidão? (The Guardian, 2018, online<sup>8</sup>, tradução nossa)

*Women's March* foi a marcha que mobilizou mais de 5 milhões de pessoas nos Estados Unidos um dia após a posse de Donald Trump, sendo a primeira grande resposta da população estadunidense à sua ascensão ao poder. Grupos de mulheres foram às ruas vestidas com o traje de aia, unidas na luta por ideais, de certa forma, semelhantes, como a igualdade entre os gêneros, a equiparação salarial, e principalmente o fim da cultura do assédio e do governo misógino do presidente.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2019/sep/16/100-best-tv-shows-of-the-21st-century>. Acesso em: 26 julho 2022.

<sup>8</sup> <https://amp.theguardian.com/world/2018/aug/03/how-the-handmaids-tale-dressed-protests-across-the-world>. Acesso em: 26 julho 2022.





**Figura 1 — Mulheres vestidas de criadas protestam contra o Governo Trump-Pence na Filadélfia, EUA. Fonte: The Guardian (2018)**

A repercussão dos protestos nos Estados Unidos foi tamanha que o uniforme das aias se tornou um símbolo de resistência em vários países em que mulheres lutavam por seus ideais e contra políticas de violação de direitos humanos. Na Argentina, as manifestantes marcharam em direção ao Congresso em silêncio e de cabeça baixa, como as aias são treinadas a fazer, para protestar contra o patriarcado e pela descriminalização do aborto.



**Figura 2 — Ativistas protestando a favor do aborto em Buenos Aires, Argentina. Fonte: TeleSUR (2018)**



**Figura 3 — Mulheres vestidas de aia em protesto pela descriminalização do aborto em Brasília, Brasil. Fonte: Marília Marques/G1 (2018)**

Por outro lado, a blogueira Kyle Jenner foi duramente criticada nas redes sociais por dar uma festa temática de *Handmaid's Tale*, com seu nível de poder e influência, enquanto leis de aborto regressivas estavam sendo aprovadas em seu próprio país. A temática da festa foi claramente equivocada tendo em vista que é uma celebração da escravização feminina pela sua capacidade de reprodução biológica. Muitos seguidores demonstraram indignação com a escolha infeliz de Jenner, o uniforme da aia nada mais é do que uma forma de protesto e resistência, não há nada de divertido em se caracterizar como mulheres que são habitualmente estupradas e têm seus direitos humanos básicos negados.



**Figura 4 — Kyle Jenner e sua amiga Sofia Richie em sua festa temática de Handmaid's Tale. Fonte: BBC News (2019)**

A leitura de *O Conto da Aia* nos leva a reflexões profundas do que a sociedade poderia ser, muitas comparações podem ser feitas a partir da luta das mulheres ao longo das décadas. O

impacto da obra na sociedade no século XXI é imensurável. As marchas de mulheres ao redor do mundo são um exemplo para que o movimento feminista não perca seu foco, mas evolua e efetivamente conquiste igualdade à medida em que a sociedade se transforma. Simone de Beauvoir já afirmava que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes e *O Conto da Aia* reforça que a luta das mulheres sempre será árdua.

### 3 MOVIMENTO DE MULHERES E NOÇÕES DE SORORIDADE NO OCIDENTE

Nesta seção, trata-se da complexidade em torno do termo sororidade e como esse conceito se relaciona com o movimento de mulheres, como a sororidade é realizada na prática e como ela é moldada pelas mídias sociais. Essas discussões são baseadas em três análises acadêmicas voltadas para o estudo dos movimentos feministas, de gênero e da utilização de plataformas digitais como meio político para a difusão de ideias, debates e ações organizadas.

#### 3.1 CONCEITO

Pós-graduanda em Comunicação, Tatiane Leal, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, faz um interessante trabalho de investigação sobre a sororidade nas discussões feministas contemporâneas e analisa a utilização do termo e seus ideais derivativos no ambiente midiático. Em sua tese “*A INVENÇÃO DA SORORIDADE: sentimentos morais, feminismo e mídia*”, Leal (2019) nos ajuda a entender a definição de sororidade e os sentimentos e concepções morais relacionadas à ideia que essa palavra carrega.

Dedicando-se a análise de textos provenientes de determinados sites, blogs e portais que utilizam diversas estratégias para conceituar sororidade, a autora traz uma reflexão sobre como se deu o desenvolvimento histórico do ideal de irmandade dentro do feminismo e seus impactos no debate sobre identidade e diferença no Brasil, nos Estados Unidos e na França. A autora inicia o tema discorrendo sobre uma ficção utópica, escrita pela norte-americana Charlotte Perkins Gilman em 1915, sobre uma sociedade composta somente por mulheres - *Herland* ou *Terra das Mulheres*, em português. Embora a narrativa seja de mais de um século atrás, ela dialoga com vários debates atuais do feminismo ao apresentar uma história que questiona estereótipos do ser feminina e os papéis de gênero. Na sociedade de *Herland*, as mulheres compartilhavam um sentimento de irmandade ajudando umas às outras sem competição, e estavam unidas para organizar e governar o país que conquistaram. Apesar de considerar a obra falha em alguns aspectos, a autora afirma que essa proposta de um sentimento de união entre as mulheres em prol de um objetivo comum - chamado de sororidade nos discursos contemporâneos -, é algo que também é prezado pelas feministas da atualidade que militam na internet “como um instrumento de luta capaz de transformar a sociedade” (LEAL, 2019, p.84)

Na análise da autora, a denominação desse sentimento de irmandade feminina como sororidade pode ser explicada etimologicamente (*soror*=irmã, do latim), mas é uma palavra que

ainda não existe no dicionário de língua portuguesa. Ainda que tenha seu uso crescido exorbitantemente na última década em meios virtuais e acadêmicos de debate, por exemplo, não se verifica a inclusão desse vocábulo nos dicionários. Um dos possíveis argumentos é a já existência da palavra fraternidade (*frater*=irmão, do latim) para ser usada como sinônimo, entretanto, essas palavras não deveriam ser colocadas como equivalentes, já que as relações sociais de homens e mulheres foram - e são - construídas de modos diferentes, tanto nos espaços públicos quanto nos espaços privados: a união entre homens não tem o mesmo significado que a união entre mulheres.

Através desse trabalho, é possível depreender que a união dos homens causou a segregação das mulheres no que diz respeito aos espaços que elas poderiam (ou deveriam) transitar e as atividades que elas estavam permitidas a executar. Por causa disso, o movimento feminista ao longo da história se comprometeu por questões ligadas à emancipação das limitações impostas pelo gênero masculino, como em reivindicar direitos civis e de agência na esfera pública. Citando o caso das norte-americanas, no final do século XIX, já se verificava a atuação delas em sociedades de caridade, organizações trabalhistas e em campanhas pelo sufrágio, ou seja, já se articulava um poder social feminino saindo das portas do lar.

Essa sociabilidade feminina abria espaço para a primeira onda feminista norte-americana, surgida em meio ao movimento negro (anos 1960 e 70), em que se passou a empregar a palavra *sisterhood* (*sister*=irmã, em inglês, mas aqui, no sentido religioso) para denominar os grupos de mulheres que se reuniam para compartilhar suas experiências de opressão e trabalhar por umas às outras no sentido político. Na França, a conjuntura de opressão às mulheres era diferente e o termo *sororité* surge em meio à revolução política e sexual dos anos 1960. E no Brasil, a ideia de uma união feminina a fim de lutar por sua voz emergiu no período da Ditadura Militar e estava relacionada a questões reprodutivas e de maternidade.

A partir desse histórico e análise de textos que tentam explicar a definição de sororidade, a autora defende a complexidade que envolve este termo dadas a sua variedade de sentidos e sua necessidade de ser não apenas explicada, mas também defendida e colocada em prática. Reforçando sua perspectiva de que não há ideias corretas ou incorretas sobre a sororidade e sim a produção de um conceito em discursos que a abordam, a autora percebe nesses discursos que ela bem exemplifica uma definição que aparece com mais frequência é a de pacto, aliança ou união entre mulheres. Sejam matérias jornalísticas ou textos de blog, Tatiane afirma existir o que ela chama de “apelo pedagógico” nos discursos: pretendem ensinar o conceito à leitora e chamá-la para a ação, que se exprime em mudança de pensamento e/ou atitude tanto na relação

dela com outras mulheres como na sua relação com os homens. Em sua análise, existem discursos que acabam por reforçar a rivalidade entre homens e mulheres, outros apontam o patriarcado como algo estrutural e que é ensinado inclusive pelas mães, e outros que tentam ressignificar os estereótipos de masculinidade e de feminilidade. Nesse momento da sua tese, a cada texto que aborda, Leal, então, aponta acertos e falhas nas conceituações e coloca, por vezes de forma implícita, o que ela entende como não sendo sororidade: relações de hostilidade e de disputa com o gênero masculino.

Outro ponto discutido pela autora é como os sentimentos moral, identitário e de diferença estão atrelados à ideia de sororidade. Segundo ela, a sororidade afirmada nos discursos analisados, constitui-se de sentimento que gera sentimentos como a gratidão e a amizade, e derruba outros, como a inveja e o ódio. Mas o que mais se destacou no texto foi a empatia. Essa empatia “no feminino”, esse olhar sensibilizado para a experiência da outra — que pode ser diferente da minha — e a capacidade de identificação — por ela ser mulher como eu —, só pode ser gerada pela sororidade. Entretanto, embora os discursos tratem a sororidade como empatia entre mulheres, alguns deles simplesmente ignoram o fato de as mulheres terem suas particularidades, mesmo que se unam por uma causa e tentem apagar as diferenças de classe, de etnia, de idade, como se todas passassem pelas mesmas dificuldades e/ou nos mesmos níveis. Além disso, essas assimetrias levam outros discursos a questionarem o potencial coletivo do feminismo e prezarem pela liberdade individual e pelo não-julgamento de outras mulheres, já que a existência de diferenças levaria a conflitos de luta política.

Por fim, a pesquisadora aponta para a divergência nos textos quando abordam a origem da sororidade: se é algo inato das mulheres ou que é decidido na interação entre elas. Uma parte dos textos, em sua maioria de outro campo que não o feminismo, tendiam a tratar a sororidade como um sentimento natural das mulheres e que a sociedade patriarcal e machista é que as ensinara a competir umas com as outras. Dessa forma, esses discursos pretendiam ajudar as mulheres a reconhecer sua essência *sororal* e tirá-las do molde que o patriarcado as colocou. Em contraponto, a autora percebeu também que os textos feministas repudiavam essa ideia, defendendo que ela acabava por reforçar estereótipos ligados ao ser mulher – emocional, sensível, instável — e afastar a visão de mudança social e política.

Já na noção feminista, a sororidade seria uma resposta sentimental e política ao patriarcado e, portanto, se constituiria de uma decisão ética, uma mudança de postura tomada após perceber que interessa a sociedade machista incentivar a rivalidade feminina para que possa prevalecer. E, nessa decisão, caberia um desejo de ação, de luta coletiva ampliando os

ganhos que são normalmente idealizados e realizados individualmente, realizações pessoais como uma *mulher poderosa*.

### 3.2 CRÍTICA

Doutora e Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Suely Gomes desenvolveu nos anos 2000 e 2010 diversas pesquisas; várias delas relacionadas a estudos de gênero e culturais, incluindo temas como movimentos feministas e políticas públicas. Em *Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos*, artigo publicado em 2009 na Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Gomes se baseia em uma palestra da Prof.a Dra Joana Maria Pedro (UFSC) que assistiu e analisa alguns conceitos que eram até então usados para representar as mulheres e os movimentos feministas, em tempos e lugares diferentes: onda, rizoma e sororidade.

Nesse sentido, a autora critica veementemente o termo “onda” quando usado para se demarcar das insurgências feministas. Isso porque esse termo remete a algum evento que cresce, toma forma e rapidamente acaba; como uma onda do mar – podemos depreender que é como se não pudesse ocorrer mais de uma vez, já que nenhuma onda é igual a outra que veio anteriormente. Esse viés dá a entender, para o senso comum, que as Primeira, Segunda e Terceira Ondas do feminismo vieram de repente e não carregaram nada de uma das outras, e, portanto, usar “onda” como marcador conjuntural na história das mulheres e de seus movimentos seria, em parte, injusto. Gomes afirma:

As abordagens nas quais esses recortes temporais se verificam restritamente referidos os eventos, entretanto, poderiam favorecer uma percepção de discontinuidades para processos sociais construídos em muitos tempos, situando suas variações em áreas de invisibilidades (2009, p. 3)

Em contraposição a esse conceito, Suely Gomes apoia o uso de conceitos que definem as lutas feministas como um tecido que combina variedade de vivências, momentos históricos, aprendizados, mudanças, perdas e continuidades na historiografia. Um bom termo para simbolizar isso é, segundo a autora, “rizoma”<sup>9</sup>. Para justificar sua perspectiva, Suely explicita

---

<sup>9</sup> Disponível em: “O caule do tipo rizoma é subterrâneo ou aéreo, geralmente com formato cilíndrico. Apesar de ser parecido com uma raiz, o rizoma apresenta gemas, por isso é classificado como caule. Este tipo de caule cresce paralelo ao solo, formando raízes adventícias a partir dos nós. Raízes adventícias são aquelas que se originam de

cada um dos momentos do feminismo e como eles se deram em cada país — Brasil, Estados Unidos e França —, focando nas (des)continuidades das conquistas e nas diferenças situacionais das mulheres. Ao longo de sua enunciação e baseando-se em grandes nomes dos estudos do feminismo e das relações entre os gêneros, Gomes chega a uma primeira conclusão: a de que, tanto onda quanto rizoma poderiam coexistir na caracterização metafórica dos movimentos feministas.

Outra conclusão de Suely se encontra na produção de conhecimento sobre mulheres e feminismos. Concordando com Ella Shohat, professora de estudos culturais na *New York University*, Gomes acredita na necessidade de ampliar a revisão histórica, deixar de focar em teorias ocidentais e eurocêntricas. Pois os feminismos apresentados na maior parte das fontes históricas ocultam as experiências, sentimentos e manifestações das mulheres que estavam à margem da elite; conseqüentemente, presume-se que os movimentos feministas são protagonizados somente por mulheres intelectuais, da classe média, o que não é verdade.

Sob essa perspectiva, a autora assinala uma tendência de homogeneização das relações entre as mulheres e como a metáfora da sororidade acaba por reafirmá-la, em certa medida. Em várias partes do mundo, essa palavra passou a estar presente a fim de simbolizar os processos identitários e relacionais entre as mulheres. Na França, por exemplo, esse conceito foi pesadamente criticado por fazer omitir a pluralidade e os conflitos existentes nas relações das mulheres entre si, colocando-as como todas iguais e sempre harmoniosas nessa aliança. Diferentemente do caso francês, no Brasil, entretanto, Gomes aponta que a ideia de sororidade expressou nos discursos feministas uma solidariedade entre mulheres, que mesmo diferentes, se associavam em prol de algo, como direitos reprodutivos e proteção contra a violência doméstica.

Dessa forma é importante frisar que, segundo a autora, existe no uso do termo sororidade uma noção de solidariedade “natural” de uma mulher para a outra, uma relação quase maternal e uma ocultação da pluralidade de relações de poder e de dominação. Isso se verificou no Brasil durante os anos 1980, quando se criou grupos de reflexão e ação representando a “natural solidariedade” da mulher coletiva; “essa imagem, homogeneizada por sofrimentos e dilemas comuns, é, também, vitimada, coletivamente, e, assim, faz reconhecer causas políticas e rumos para as políticas públicas, definidas como de interesse comum” (2009, p.16)

---

outras estruturas da planta que não da própria raiz.” <https://www.infoescola.com/plantas/rizoma/>. Acesso em: 16 de fev., 2022.



Esses encontros, com o tempo, saíram do ambiente privado e abriram espaço para novas discussões e conscientização feminina de alcance político. Entretanto, a sororidade dessa época não conseguiu assegurar o acesso das mulheres a direitos iguais no que concerne à sua natureza, sua saúde.

Suely Gomes constata novas causas nos movimentos, em torno de outros fatores percebidos nas relações desiguais entre homens e mulheres para além da diferença sexual. Por isso, Gomes provoca às seguintes reflexões: que continuidades das lutas feministas até os anos 80 são percebidas atualmente? A que passos deve seguir a história das mulheres e portando quais simbolismos? O que precisa ser retomado ou aperfeiçoado no estudo dos movimentos para que sejam percebidos como uma estrutura e não meros eventos? Como as memórias podem ser usadas para fortalecer os ideais igualitários na complexa realidade das relações sociais?

### 3.3 SORORIDADE NA MÍDIA

No artigo intitulado *O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais*, a pesquisadora Tatiane Leal faz uma análise dos discursos mais compartilhados nas redes sociais envolvendo a temática da sororidade e suas definições. Após perceber o aumento do interesse pela palavra sororidade nos mecanismos de busca na internet além dos ambientes de discussões feministas, a autora compilou os textos disponibilizados na internet que tinham por objetivo responder à pergunta: o que é sororidade? E como esse conceito vem sendo pensado a partir das noções de sentimento e moralidade.

Reconhecendo a importância da mídia para construir “moralidades, subjetividades e formas de ação política no contemporâneo” (2020, p. 143), Leal analisa os textos e entende que não há uma única concepção correta da “sororidade”, uma palavra ainda inexistente nos dicionários de língua portuguesa, mas que aparece com frequência nas enunciações a partir dos mais variados sentidos e práticas que motivam o uso desse termo.

Para cumprir com seu objetivo, a pesquisadora utilizou do Buzzsumo, uma ferramenta de monitoramento de redes sociais, e coletou dezenas de links considerados os mais compartilhados no Facebook, LinkedIn, Twitter e Pinterest com a palavra-chave “sororidade”. Chegando a uma amostra de 87 links, Leal os separou nas seguintes categorias: *Definições de sororidade*, *Sororidade na prática*, *Sororidade na mídia* e *Limites da sororidade*. Dessa forma, priorizou discutir sobre os textos que buscaram definir sororidade e estruturou a discussão em dois eixos: 1) relação sororidade → outros sentimentos; 2) textos que consideram a sororidade

uma característica natural da mulher x textos que defendem que a sororidade tem origem na prática.

Leal, no primeiro momento, percebe que a variedade de definições nos textos midiáticos apresenta continuidades e rupturas do conceito em relação à empatia e à simpatia, como um conceito tomado e/ou confundido como tais. Além de trazer exemplos para ilustrar o que percebeu, Tatiane explica como os discursos demonstraram entendimentos diferentes sobre irmandade na história do feminismo:

Nos textos agrupados sob a categoria [Definições de sororidade], há em comum a crença de que a sororidade, assim como a empatia, consegue transpor essas fronteiras identitárias e promover uma irmandade feminina, mas eles apresentam algumas divergências importantes referentes a esse debate sobre identidade e diferença. Em alguns dos discursos, a união através das diferenças aparece como um desdobramento óbvio da empatia(...) (2020, p.152)

A diferença enquanto fator de consideração na relação entre as mulheres também é algo interessantemente levado em conta pela pesquisadora ao verificar sua presença nos textos da seguinte forma: enquanto alguns enfocaram a diferença no plano individual para privilegiar a liberdade de escolha e o empoderamento feminino, outros consideraram necessário reconhecer as diferenças identitárias entre as mulheres acreditando que a sororidade tem o poder de não as apagar.

Já na segunda parte de sua análise, quando verifica como os textos compartilhados tratam da origem da sororidade, Leal percebe o possível surgimento de uma quarta onda feminista. De fato, a veiculação dos discursos sobre sororidade nas redes sociais vai além de um compartilhamento de ideias: gera ação, um movimento realmente coletivo e político. Isso pode ser visto no surgimento de campanhas feministas baseadas em *hashtags* contra assédio sexual, por exemplo, que estimulam o sentimento de união entre as mulheres e o exercício de olhar empático umas para com as outras.

Essa percepção do que está ocorrendo na contemporaneidade nos revela como o conceito de sororidade está aos poucos sendo deixado de ser relacionado a algo que parte da essência feminina, mas como algo impulsionado a partir do debate, da reflexão, do ouvir a outra, que leva para lutas políticas e quebra estereótipos como o da mulher ser sentimental/ afável/ maternal por natureza. Tatiane Leal, portanto, constata a importância da internet para os movimentos feministas por ser tanto um espaço de produção e compartilhamento de discursos, como também por ser uma ferramenta de luta para as mulheres.

Por fim, considerando a relação entre o uso das mídias sociais e a prática, sororidade poderia assim ser entendida como a construção de relações de cumplicidade e solidariedade entre as mulheres para gerar redes de apoio em amplas áreas da vida, como um vínculo de solidariedade feminina capaz de superar as diferenças de classe, etnia, religião, orientação sexual colocando gênero antes de qualquer outra condição existencial. Esse conceito incentiva as mulheres a buscar relações positivas e alianças políticas com outras, com o objetivo de conduzir ações específicas contra a opressão e fornecer apoio e empoderamento.

Na verdade, acredito que as diferenças nas formas de desigualdade de gênero que as mulheres enfrentam em todo o mundo não devem nos impedir de compartilhar uma luta comum. O feminismo ocidental tem muitas vezes imposto sua compreensão de opressão e de libertação de gênero, negligenciando as vozes de mulheres com menos influência, mas anseios semelhantes de mudança. Assim, ainda que a sororidade seja uma ferramenta de sobrevivência para as mulheres em um sistema que não as apoia totalmente, a questão de quem deve ser incluído na prática de sororidade é delicada. Como Suely Gomes aponta, às vezes a sororidade é perdida, ou sua universalidade é questionada, e dessa maneira discussões precisam ser retomadas e memórias resgatadas para fortalecer a estrutura do movimento de mulheres. Isso surge da diversidade das demandas do movimento feminista e da evolução dele. É por isso que é importante entender que a base da sororidade tem a ver com solidariedade. As mulheres em muitas sociedades patriarcais são criadas para competir umas com as outras. Devido à forma como nossa sociedade nos prepara para entender nossa realidade, às vezes nos sentimos ameaçadas por mulheres que deveriam nos inspirar. Quando agimos de forma sólida apoiando umas às outras, progredimos perante o sistema, quando somos capazes de motivar ações de compreensão e empatia, não só conseguimos criar, mas também manter laços fortes e duradouros entre as mulheres.

#### 4 ANÁLISE DE *O CONTO DA AIA*

“Confraternizar significa comportar-se como um irmão. Luke me disse isso. Ele me disse que não existia palavra correspondente que significasse comportar-se como uma irmã. Teria que ser consororizar, disse ele.”

(*O Conto da Aia*, 2017)

*O Conto da Aia* nos convida a debates sobre sentidos abomináveis da realidade. Essas realidades perturbadoras são ligadas ao patriarcado, sutilmente inseridas na sociedade em que vivemos e explicitadas na história: a dominação masculina através do uso da religião, a cultura do estupro e o silenciamento da voz da mulher. O romance nos traz uma reflexão a respeito do poder da dominação masculina sobre as relações entre as mulheres. O livro deixa claro que, movidas pelo patriarcado, as mulheres são induzidas a julgar, condenar e odiar umas às outras. Simultaneamente, é reconfortante, tanto quanto a obra permite perceber, em alguns *flashes* de memória de Offred, o quanto ela sente falta de sua mãe e sua melhor amiga Moira. Quase sempre são lembranças de discussões acaloradas, mas ela nota que, mesmo em meio a esses desentendimentos, havia muito amor entre elas. A diferença entre a relação de Offred com a esposa do comandante, e a relação com os homens de Gilead é perturbadora pelo fato de que ela não os odeia tanto quanto odeia Serena, tornando explícito o quanto elas internalizaram aquele sistema.

Ao Longo de *O Conto da Aia* as mulheres interagem umas com as outras constantemente em decorrência de uma “falsa sororidade” imposta pelo regime. Esse controle serve para mantê-las sob vigilância das suas parceiras. As aias sabem que suas parceiras de compras, a Esposa e as Martas de sua casa, e as Tias que estão lá para “ajudar” e doutrinar estão sempre observando, trazendo desconfiança e conseqüentemente desencorajando uma possível rebelião.

No capítulo “*VIII. Dia do Nascimento*”, as aias se reúnem para ajudar Janine dar à luz seu bebê, as Tias coordenam o parto e observam as mulheres para garantir que não transgridam as limitações estabelecidas para as suas relações umas com as outras. Mesmo em um espaço supostamente “natural” como este, cercado por outras mulheres que deveriam ser suas aliadas, as aias não podem interagir ou criar laços. Suas supervisoras e espiãs são as próprias mulheres entre elas. Esse ritual é intencionalmente prejudicial para o sucesso e a sobrevivência das mulheres em Gilead. Ele obriga as mulheres a temerem umas às outras com intuito de evitar a formação de laços genuínos. No entanto, apesar desta tóxica “sororidade” sancionada pelo

regime entre as mulheres, relações reais e mais genuínas ainda se enraízam, mesmo sob a constante ameaça de severas punições. Ao longo do romance, quase todas as mulheres - independentemente de sua posição dentro da hierarquia de Gilead - se colocam em algum nível de risco para criar laços entre si. As mulheres oprimidas em Gilead anseiam por amor e laços genuínos com suas parceiras, elas não conseguem sobreviver sem estas relações, por isso buscam o mínimo de conexão. Offred faz uma análise perspicaz da verdadeira privação do sistema quando diz que:

“(...) ninguém morre por falta de sexo. É por falta de amor que morremos. Não há ninguém que eu possa amar.” (p.125).

Relações femininas são formadas por necessidade, elas surgem para preencher o vazio na vida das mulheres deixado pelo isolamento das forças do regime. Esses laços e expressões de sororidade contrastam com as relações antagônicas entre as mulheres, muitas vezes estabelecidas no âmbito do regime.

Offred tem relações complexas com muitas mulheres ao longo do romance. É esclarecedor, sobretudo, analisar a interação entre esses laços específicos, sejam eles naturais ou não naturais: Tia Lydia é um exemplo de uma não-sororidade em seu extremo e o como ela usa seu poder para subjugar as mulheres; Serena Joy é exemplo de relacionamento não natural que aos poucos vai se tornando genuíno e o impacto que tal vínculo pode gerar; Ofglen é exemplo do desenvolvimento persistente de uma sororidade genuína mesmo com poucas interações e de como qualquer apoio é crucial para a sobrevivência das mulheres.

#### 4.1 OFFRED E TIA LYDIA

Nos pensamentos de Offred ao longo da narrativa Tia Lydia é a figura mais proeminente que atua para o regime. Ela é supervisora e diretora durante todo o processo de reeducação no Centro Vermelho, servindo como uma figura “materna” para as aias enquanto elas estão sendo treinadas. Ela é o maior exemplo de um laço não natural e forçado que está sendo formado entre as mulheres. Tia Lydia é um elemento crucial para a implementação da doutrina, ela tenta se conectar às aias enquanto também mantém o poder sobre elas. A relação entre Tia Lydia e Offred se expressa como não-sororidade e pode ser compreendida como um instrumento eficaz do sistema de Gilead. Mas, esta não-sororidade se prova essencial para a sobrevivência de

Offred, ela a leva ao intenso ódio pela doutrinadora, que alimenta seu desejo de resistir às ideias de Gilead.

Como os vínculos entre as mulheres são desencorajados, Tia Lydia defende um novo tipo de sororidade entre as mulheres como sendo a chave para o regime:

“Poderão existir verdadeiros laços de afeto, dizia ela, piscando para nós de maneira insinuante, sob condições como essas. Mulheres unidas para um fim comum! Ajudar umas às outras em suas tarefas cotidianas enquanto percorrem o caminho da vida juntas, cada uma desempenhando sua tarefa determinada. Por que esperar que uma mulher desempenhe todas as funções necessárias à administração serena de um lar? Não é razoável nem humano. Suas filhas terão maior liberdade. Estamos trabalhando para atingir a meta de um pequeno jardim para cada uma, cada uma de vocês - as mãos unidas com os dedos cruzados de novo, a voz suspirante -, e essa é apenas uma, por exemplo. O dedo levantado, balançando para nós. Mas não podemos ser porcos esganados e exigir demais antes que esteja pronto, não é mesmo?” (p. 195)

Ao invés de permitir que mulheres se reúnam para um propósito comum, em Gilead, todas são dotadas de apenas um aspecto limitado da feminilidade, o que exige que trabalhem ao lado de outras mulheres para administrar a casa. Cada mulher tem um status diferente dependendo do papel que lhe é atribuído, todas elas desempenham o papel pleno de dona de casa. Todas são mulheres do lar, mas ao mesmo tempo não são realmente mulheres porque não têm permissão para abraçar a totalidade e a complexidade de sua individualidade ou feminilidade. Em vez disso, elas simplesmente cumprem o papel que lhes é imposto pelo Estado, que proíbe qualquer expressão não tradicional ou holística da feminilidade.

Gilead conta com a divisão das mulheres por suas diferenças, semeando a separação e suspeita em vez do suposto lazer e felicidade das mulheres, como a Tia Lydia sugere. Se as mulheres não podem formar uma comunidade, elas não podem realmente ter sucesso. O sucesso neste sentido significa ter uma vida que é verdadeiramente sua e que permite a felicidade e a realização. A existência de Gileade depende do fracasso de suas mulheres. Por isso, ter uma mulher como Tia Lydia para garantir que outras mulheres fracassem reforça a eficácia de separar as mulheres por suas diferenças. Tia Lydia explora a linguagem feminista e a retórica para manter as mulheres subjugadas e o regime intacto. Offred vê através dessas tentativas, e elas a enchem de ódio e repulsa em relação a Tia Lydia, que ocupa seus pensamentos e, de certa forma, ajuda a sustentá-la. Offred pensa em Tia Lydia muitas vezes ao caminhar pelas ruas da cidade:

“A República de Gilead, dizia Tia Lydia, não conhece fronteiras, Gilead está dentro de você” (p.34)

Ao olhar para a parede onde os prisioneiros são enforcados, Offred lembra:

“O costumeiro, dizia Tia Lydia, é aquilo a que vocês estão habituadas. Isso pode não parecer costumeiro para vocês agora, mas depois de algum tempo será. Irá se tornar” (p.46)

Offred se lembra dos ensinamentos e contrasta tudo o que Tia Lydia disse com o pesadelo em que está vivendo, expondo as mentiras por trás de suas palavras. Ao ajudar uma aia a dar à luz, Offred se recorda de um momento no Centro Vermelho:

“Eles cometeram erros, diz Tia Lydia. Nós não pretendemos repeti-los. A voz dela é piedosa, condescendente, a voz daqueles cujo dever é nos dizer coisas desagradáveis para nosso próprio bem. Eu gostaria de estrangulá-la. Empurro esse pensamento para longe quase que tão logo penso nele” (p.138)

Tia Lydia, enquanto prega a não-sororidade ao mesmo tempo treina as aias para se virarem umas contra as outras em sessões ritualizadas no Centro Vermelho, as aias são obrigadas a se virar contra outras ou humilhar mutuamente durante as sessões de Testemunho<sup>10</sup>. Amizades e conversas são ativamente desencorajadas. Offred, apesar de não ser uma verdadeira crente da ideologia, resiste a criar laços afetivos com outras mulheres durante seu tempo em Gilead, participa de forma ativa em sessões de Testemunho e se ressentido de Serena Joy, a Esposa de sua casa, como é suposto.

Um elemento interessante do papel de Tia Lydia como “mãe” para as aias é a tentativa de parecer genuína enquanto as manipula. Ela ocasionalmente se afasta de seu papel como uma autoridade para se tornar confidente das aias, espalhando informações de uma forma aparentemente benevolente. Quando Moira escapa do Centro Vermelho, as aias ficam desesperadas por informações sobre ela, e Tia Lydia se certifica de mantê-las informadas. Mas esta dispersão de informação não é feita por piedade, é calculada. Ao relatar a história que ela ouviu sobre o que aconteceu com Moira, Offred reflete:

---

<sup>10</sup> O Testemunho consiste em apresentar sua vida antes da conversão e os novos rumos que tomaram seu caminhar, um relato de cura, uma experiência que leva a um enriquecimento espiritual, o que levou à conversão para o novo caminho.

“Parte dela posso eu mesma preencher as lacunas, parte dela ouvi de Alma, que ouviu de Dolores, que ouviu de Janine. Janine a ouviu de Tia Lydia. Mesmo em lugares como aquele, mesmo sob aquelas circunstâncias, pode haver alianças. Isto é algo com que você pode contar: sempre haverá alianças, deste ou daquele tipo” (p.157)

A aliança formada aqui é permitida pelo regime; Tia Lydia quer acabar com rumores e perguntas sobre Moira para que ela possa seguir em frente. Offred está certa em afirmar que sempre há alianças dentro de Gilead - mas se elas são ou não genuínas é a questão. Sua aparente ignorância dos motivos conscientes de Tia Lydia ao revelar essa informação específica indica que, de certa forma, até mesmo Offred é manipulada pelo regime. Como mencionado anteriormente, Tia Lydia é a figura mais frequente na mente de Offred. Ela aparece em quase todos os capítulos, nos quais Offred se lembra e analisa suas palavras e ações, criticando e desmentindo as falácias que Tia Lydia defende. Anos depois que seu relacionamento inicial com a Tia Lydia foi formado no Centro Vermelho, ela ainda ocupa seus pensamentos. Offred, ao ver a tia Lydia em um Salvamento<sup>11</sup>;

“É Tia Lydia. Quantos anos faz desde que a vi? Tinha começado a pensar que existia somente em minha cabeça, mas aqui está ela, um pouco mais velha (...). Comecei a tremer. O ódio enche a minha boca como saliva” (p.323).

Tia Lydia se torna o símbolo do regime de Gilead e é elemento essencial para a rebelião interna de Offred, esse ódio a obriga a resistir ao sistema e existe preeminente por causa dessa relação forçada que se criou entre as duas.

#### 4.2 OFFRED E SERENA JOY

Em treinamento no Centro Vermelho, mesmo quando a Tia Lydia tenta pintar a imagem de uma sociedade utópica onde as mulheres trabalham em conjunto para cumprir os seus papéis, ela também tem o cuidado de manter as divisões entre os papéis das mulheres, especialmente entre Aias e Esposas:

---

<sup>11</sup> Salvamento é o termo usado para se referir a execuções na República de Gilead. Aqueles que são executados são referidos como tendo sido "Salvados". As execuções de mulheres são realizadas em público e presididas pelas tias. Todas as aias são obrigadas a participar.



“Não é com os maridos que vocês têm que ter cuidado, dizia Tia Lydia, é com as Esposas. Vocês deveriam sempre tentar imaginar o que devem estar sentindo. É claro que se ressentem de vocês. É muito natural. Tentem ser solidárias, compadecer-se delas.” (p.59)

As Esposas também são figuras maternas, mas em um contexto diferente do de Tia Lydia. Elas não serão “mães” das aias, mas sim de seus filhos. Isso, naturalmente, causa um sentimento de rivalidade entre as mulheres; ambas querem reivindicar a criança como sua, mas apenas uma é permitida. Além disso, ao conceber a criança, a esposa, o comandante e a aia devem participar juntos na Cerimônia, onde a aia deve participar de um ato sexual altamente ritualizado com o Comandante. Esta prática é feita para aproximar a família, mas na verdade tem mais sucesso em afastar as mulheres. As relações entre aias e esposas são, portanto, previsivelmente controversas. Como resultado, a partir do primeiro encontro entre Serena Joy e Offred, seu relacionamento é hostil. Offred relembra:

“Fiquei desapontada. Eu queria, naquela época, transformá-la numa irmã mais velha, numa figura maternal, alguém que me compreenderia e me protegeria(...) Eu queria que esta aqui fosse diferente. Queria pensar que eu teria gostado dela, em outra época e em outro lugar, em outra vida. Mas já podia ver que não teria gostado dela, nem ela de mim.” (p.25)

O desgosto e repulsa que Serena sente quando está com Offred indicam que ela se sente ameaçada pela fertilidade da aia. Offred menciona várias vezes como Serena a trata mal, tanto verbalmente quanto fisicamente, e o quão distante e fria Serena é quando está em sua companhia. O relacionamento de Serena e Offred não é apenas baseado em seus status mas também na competição de fertilidade e infertilidade entre elas. Serena odeia o fato de que ela precisa do corpo de uma aia, que ela tanto despreza, para ajudá-la a ganhar um melhor status entre as outras esposas. Estar ao lado de Offred é um castigo e ela se sente humilhada por sua dependência. As esposas de Gilead sabem que são mais dignas do que as aias e não devem ser obrigadas a estarem em sua presença. Esse desgosto de Serena sugere que Offred poderia contaminar seu status, e ela deixa muito explícito através de seu comportamento

“Há repugnância em sua voz, como se o toque de minha carne lhe desse náuseas e a contaminasse.” (p.117)

O uso de palavras como “repugnância”, “náusea” e “contaminação” enfatiza como Serena a retrata como uma mulher impura e infame, enquanto o papel de esposa é de uma boa mulher, pura e perfeita. Offred também fala sobre a opinião repulsiva de Serena a respeito das aias

“Umas putinhas, todas elas” (p.140)

Esse comentário desagradável e mesquinho mostra que ela tem a capacidade e o poder de dizer essas coisas, a fim de reduzir e humilhar Offred ao nível mais baixo possível, mas a maior hostilidade entre elas ocorre durante a Cerimônia:

“Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sobre sua barriga, seu osso púbico sob a base de meu crânio, suas coxas uma de cada lado de mim. Ela também está completamente vestida. Meus braços estão levantados; ela segura minhas mãos, cada uma das minhas numa das dela. Isso deveria significar que somos uma mesma carne, um mesmo ser. O que realmente significa é que ela está no controle do processo e, portanto, do produto. Se houver algum. Os anéis de sua mão esquerda se enterram em meus dedos. Pode ser ou não vingança.” (p.114 e 115)

Embora Serena trate Offred violentamente durante esses encontros, sua raiva é um pouco compreensível. Ambas as mulheres estão sendo privadas de suas próprias vidas. Offred observa após a cerimônia, quando Serena a expulsa da sala:

“Antes de me virar para ir, vejo-a endireitar a saia azul, cerrar as pernas bem juntas; ela continua deitada na cama olhando para o alto, para o dossel acima dela, dura, rígida e empertigada como uma efígie. Para qual de nós duas é pior, para ela ou para mim?” (p.117)

Os sentimentos de Offred sobre Serena ficam mais complicados ao longo do romance. À medida que ela se acostuma com a casa e seu próprio lugar nela, ela começa a pensar mais profundamente sobre Serena:

“Serena Joy tinha mudado para mim, também. Houve uma época em que eu apenas a odiava, pelo papel que desempenhava no que estava sendo feito comigo; e porque ela também me odiava e se ressentia de minha presença, e porque seria ela quem criaria meu filho, se eu afinal fosse capaz de ter um. Mas agora, embora ainda a odiasse, não mais do que antes, quando estava agarrando minhas mãos com tanta força que seus anéis se enterravam em minha carne, e ao mesmo tempo também puxando minhas

mãos para trás, algo que deve ter feito de propósito para me deixar tão desconfortável quanto pudesse, o ódio não era mais puro e simples. Em parte eu tinha inveja, ciúmes dela; mas como poderia eu sentir inveja e ciúmes de uma mulher tão obviamente acabada, murcha e infeliz? Você só pode invejar e ter ciúmes de alguém que tem alguma coisa que acha que você mesma deveria ter. Mesmo assim a invejava. Mas também me sentia culpada com relação a ela. Sentia que era uma intrusa, em um território que deveria ter sido seu.” (p.193)

Offred entra em um conflito interno, mesmo com uma mulher que deveria odiar, ela começa a sentir alguma forma de empatia, ou pelo menos remorso ou culpa por se encontrar com o Comandante e ocupar uma posição pertencente a Serena:

“Serena Joy era uma mulher mal-intencionada e vingativa, eu sabia disso. Mesmo assim não conseguia me livrar daquilo, daquele pequeno remorso com relação a ela.” (p.194)

Mas, ao mesmo tempo que essa sororidade genuína se desenvolve, a hostilidade permanece intacta. Embora Offred possa sentir alguma culpa por seu relacionamento ilícito com o Comandante, ela também gosta do privilégio que lhe é dado:

“(...) eu agora tinha poder sobre ela [Serena], inferior, mas poder, embora ela não soubesse. E gostava disso. Por que fingir? Eu gostava muito disso.” (p.194)

Apesar da sororidade sutil e subconsciente que Offred começa a sentir com a esposa de sua casa, é Serena quem dá os primeiros passos para trazer a relação para fora do que o regime define. Ela faz isso quando fala honestamente com Offred sobre a infertilidade do Comandante. Desesperada para se tornar uma mãe e elevar seu status social, Serena sugere que Offred se aproxime do motorista da casa, Nick, para engravidar. Offred não gostaria de deixar Serena criar seu filho, o que vai contra a lei de Gilead e faz Serena esperar ainda mais para atualizar seu status. Mas, ela aceita a proposta firmando um novo tipo de acordo:

“Penso a respeito disso. – Não com um médico – digo. – Não – concorda ela, e pelo menos neste momento somos velhas amigas, aqui poderia ser uma mesa de cozinha, poderíamos estar conversando sobre um encontro, algum esquema de meninas envolvendo esquemas e flertes. – Às vezes eles fazem chantagem. Mas não tem que ser um médico. Poderia ser alguém em quem tenhamos confiança.” (p.244)

Serena e Offred planejam juntas, quebrando regras e se apoiando nessa missão. Mas mesmo que seu relacionamento tenha mudado, e elas estejam juntas nessa conspiração, este vínculo ainda não é inteiramente genuíno. Serena Joy quebra as regras e dá a Offred esta oportunidade não porque está pensando na aia, mas em si mesma. As mulheres que não têm filhos são desprezadas e eventualmente punidas em Gilead. E Offred aceita a proposta não porque gosta de Serena ou quer ajudá-la, mas porque quer se ajudar. Ter uma criança irá garantir a sua segurança por um tempo e a chance de uma conexão real com Nick é tentadora.

No entanto, apesar de Serena Joy e Offred garantirem que a sororidade que existe entre elas é por conveniência, esta trégua em seu relacionamento lhes dá o direito, de certa forma, de ter mais controle de suas vidas. Quando Serena está levando Offred para o apartamento de Nick, a aia reflete:

“Vejo nós duas, uma forma azul, uma forma vermelha, no breve olho de vidro do espelho enquanto descemos. Eu, meu anverso.” (p.307)

Serena Joy é de certa forma a rival de Offred, mas também se tornou uma aliada. Essa linguagem usada no excerto ressoa a mesma utilizada quando Offred se compara a outras aias ao descrever as parceiras de compras caminhando pelas ruas. Offred nota que entre ela e outras aias não há diferença visual:

“Deslizo pela calçada com Ofglen; nós duas, e à nossa frente outro par e do outro lado da rua mais outro. Devemos fazer bela figura vistas de longe: pitorescas, como ordenhadoras holandesas no friso de um papel de parede, como uma prateleira cheia de recipientes de sal e pimenta de cerâmica em trajes nacionais de época, como uma pequena frota de cisnes ou qualquer coisa que se repete com pelo menos um mínimo de graça e sem variações” (ATWOOD, 2017, p.252).

Embora não haja diferença entre Offred e Ofglen, há uma diferença visual distinta entre Offred em vermelho e Serena em azul; eles são cúmplices, mas também opostos. Serena Joy e Offred não têm a mesma relação que duas aias teriam, há sororidade entre elas, elas têm uma relação importante e diferente daquela que é sancionada. Os papéis que as personagens femininas têm em Gilead são importantes e simbólicos, mas criam conflitos e competição. No entanto, a codependência de Serena e Offred demonstra o quão importante elas são uma para a outra. Serena irá sucumbir socialmente entre as esposas se Offred não lhe der um filho. E Offred irá sucumbir fisicamente, ao ser enviada para as Colônias, devido à sua incapacidade de

reproduzir. A posição de Offred é, portanto, mais perigosa do que a de Serena. Serena de fato será socialmente humilhada se ela não tiver um filho. Mas, a fim de sobreviver, elas colaboram para sobreviver em Gilead.

#### 4.3 OFFRED E OFGLEN

Ofglen é a atual parceira de compras da Offred. Como nenhuma delas é confiável para sair sozinha, cada aia deve acompanhar outra até o mercado. Offred descreve seu primeiro encontro com Ofglen como encontrando

“uma forma como a minha, uma mulher de aparência sem graça e desinteressante, de vermelho”. (p.29)

São tão parecidas que Offred age como se tivesse sido duplicada enquanto caminham pela rua. Ela se refere a Ofglen como seu reflexo, "gêmeas siamesas".

“Não temos permissão para ir lá exceto em pares. Supostamente isso é para nossa proteção, embora a ideia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável” (p.29)

Durante o treinamento, as aias não podem desenvolver amizades. Elas não estão autorizadas a falar umas com as outras, são espiãs, parceiras vigilantes e supervisoras, garantindo que cada mulher permaneça fiel e contida em seus papéis. A sororidade é permitida e encorajada, desde que seja em benefício do regime. Como todas as mulheres sabem disso, elas suspeitam umas das outras e permanecem isoladas. Mas apesar do perigo que representam para suas vidas, elas ainda correm riscos para se comunicar e se relacionar. A sororidade entre as aias muitas vezes transforma a desconfiança sancionada pelo regime em relações genuínas, isso é visível no início do romance. No final da introdução, Offred se lembra como ela e as outras aias, presas no Centro Vermelho para serem treinadas para seus novos papéis, arriscaram sua própria segurança para aprender os nomes umas das outras e criar conexões:

“Aprendemos a sussurrar quase sem qualquer ruído. Na quase-escuridão podíamos esticar nossos braços, quando as Tias não estavam olhando, e tocar as mãos umas das outras sobre o espaço. Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às

camas, viradas para o lado, observando a boca umas das outras. Dessa maneira trocávamos nomes, de cama em cama: Alma. Janine. Dolores. Moira. June” (p.12)

A chave para a sobrevivência é a conexão com outras mulheres, neste caso, a conexão entre as aias. Elas estão sozinhas e fortemente vigiadas, mas arriscam serem punidas para se comunicar de qualquer maneira. Offred e sua parceira, Ofglen, correm esse risco ao criar uma amizade genuína.

Durante o curso do romance, Ofglen se torna cada vez mais comunicativa, e Offred percebe que ela tem deixado de ser tão passiva. No capítulo 27, à medida que passam pela vitrine da Escritos da Alma, onde máquinas imprimem rolos de orações e preces que saem incessantemente, Ofglen, usando o reflexo no vidro, olha diretamente para os olhos de Offred; Offred sente que é arriscado. Ofglen, em seguida, faz uma pergunta perigosa, traiçoeira, “Você acha que Deus escuta estas máquinas?” Offred, neste momento, deve assumir um risco: confiar ou não em sua parceira; ela então dá um voto de confiança e responde “Não”. Ofglen respira aliviada ao saber que Offred não é uma verdadeira crente, e responde que não. Offred se alegra com a possibilidade de ter encontrado uma amiga, uma irmã, uma confidente:

“Nós andamos, de cabeça baixa como de hábito. Estou tão entusiasmada que mal consigo respirar, mas mantenho um passo regular. Agora mais do que nunca tenho que evitar atrair atenção para mim mesma.” (p.202)

Ter uma aliada é essencial e isso eleva muito os ânimos de Offred. Apesar dos esforços constantes do regime em reagrupar as aias, elas têm muitas chances de se reconhecer e se conectar. Em eventos como Nascimento, Salvamento e até mesmo as compras, apesar de ser um sistema manipulador, se constroi uma relação genuína ao lado do regime sancionado. As aias estabelecem padrões discretos de reconhecimento entre si para se comunicar:

“Vejo várias mulheres que reconheço, troco com elas os infinitesimais acenos de cabeça com os quais mostramos umas às outras que somos conhecidas, pelo menos para alguém, ainda existimos.” (p. 333)

Este tipo de amizade ou sororidade pode ser passageira, mas a ligação dá a elas esperança e força para sobreviver.

Offred e Ofglen inicialmente se comunicam apenas através de pequenos gestos e declarações ligeiramente fora do roteiro, mas seu relacionamento se desenvolve de maneira extremamente significativa no decorrer da história. Através de Ofglen, Offred aprende sobre a existência do Mayday, o movimento de resistência contra o sistema de Gilead. Ofglen pode fornecer não só suporte, mas também informações e soluções para escapar de Gilead. Apesar da importância de seu relacionamento, Offred deixa essa amizade cair no esquecimento quando começa a se relacionar com Nick. Na tentativa de recrutar Offred, Ofglen revela que está ciente da amizade e das visitas que ela tem feito ao escritório do Comandante Waterford e pede para que ela tente descobrir qualquer coisa que puder. Mas Offred se torna passiva e complacente ao sistema devido ao seu caso com Nick, ela não quer comprometer o que eles têm. De certa forma, o modo de vida gileadeano se torna comum para ela, tal como tia Lydia tinha prometido.

Offred passa a ter consciência de sua complacência quando é lembrada da brutalidade de Gilead durante um Salvamento. Tia Lydia acusa um homem de estupro e diz às aias que sua pena é a morte por “participation”, que envolve a execução realizada por um grupo de aias que geralmente são obrigadas a participar desse evento. Ofglen se entrega como um membro da resistência quando corre para chutar o homem acusado na cabeça várias vezes antes que as outras aias tenham a chance. Surpreendida com a atitude violenta, Offred pergunta por que ela fez o que fez, e Ofglen explica que o homem não era um esturador, mas sim um membro do Mayday. Ela queria poupá-lo de uma morte lenta e tortuosa, deixando-o inconsciente antes que as outras mulheres o atacassem.

Ao final do livro, Ofglen desaparece. Offred sai para encontrá-la para mais uma compra diária e se depara com uma substituta. Quando Offred pergunta a nova Ofglen o que aconteceu, a nova aia responde: "Eu sou Ofglen."

“Perfeita em cada palavra. E é claro que ela é, a nova, e Ofglen, onde quer que esteja, não é mais Ofglen. Nunca soube seu nome verdadeiro. É assim que você pode se perder, num mar de nomes. Não seria fácil encontrá-la, agora.” (p.333)

Então, quando Offred e a nova Ofglen estão concluindo sua viagem às compras, depois de algumas tentativas de Offred para descobrir se a nova mulher estava ciente de algum grupo de resistência, ela diz a Offred que a antiga Ofglen entregou seu disfarce durante o Salvamento, e quando ouviu a van preta do Serviço Secreto de Gilead chegando para capturá-la, ela se matou em vez de enfrentar tortura e revelar os nomes de seus companheiros do Mayday. Offred,

portanto, fica ciente do sacrifício envolvido, que Ofglen se matou antes que ela pudesse trair outros sob tortura:

“Fico parada um momento, esvaziada de ar, como se tivesse sido chutada. Então ela está morta, e eu estou segura, afinal. Ela o fez antes que eles viessem. Sinto um imenso alívio. Sinto-me agradecida a ela. Morreu para que eu possa viver. Chorarei sua morte mais tarde” (p.337)

Em seguida, Offred percebe que a nova Ofglen pode estar mentindo para persuadi-la a criar uma falsa sensação de segurança, mas ela decide que fará qualquer coisa para evitar a tortura; até mesmo jura sucumbir completamente ao regime. A suposta morte de Ofglen leva Offred a um estado de completa ansiedade, alerta e paranoia, ela está disposta a abdicar de seu corpo para que o sacrifício de Ofglen não tenha sido em vão.

“Meu Deus, penso, farei qualquer coisa que quiseres. Agora que me deixaste escapar impune, eu me anularei, se é o que realmente queres; esvaziarei a mim mesma, verdadeiramente, tornar-me-ei um cálice. Deixarei Nick, esquecerei os outros, pararei de reclamar, aceitarei meu destino. Eu me sacrificarei. Eu me arrependerei. Abdicarei. Renunciarei (...) Não quero dor (...) Quero continuar vivendo, de qualquer forma que seja. Renuncio a meu corpo voluntariamente, para submetê-lo ao uso de outros. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Sou abjeta. Sinto, pela primeira vez, o verdadeiro poder deles.” (p.337 e 338)

Em Gilead, as mulheres enfrentam a divisão em todos os aspectos e vivenciam mais segregação dentro de seus grupos. Atwood enfatiza a importância da sororidade das mulheres em *O Conto da Aia*, explorando os relacionamentos que elas têm. As amizades são uma aposta perigosa, mas necessária, especialmente para Offred, que luta para equilibrar sua fachada submissa e seus pensamentos de esperança e rebelião.

#### 4.4 OFFRED RESISTINDO AO SISTEMA

Este capítulo tem como finalidade expor acontecimentos do livro *O Conto da Aia*, porém, acho importante analisar umas das cenas mais chocantes e memoráveis da adaptação da série *The Handmaid's Tale*.

Janine, também conhecida como Ofdaniel, em um ato de loucura, não quer entregar seu bebê ao comandante e sua esposa e ameaça se jogar de uma ponte. Offred, então, a convence a entregar a criança, mas não a impede de pular. Tendo sobrevivido, o castigo de Janine é ser



apedrejada até a morte por ameaçar a integridade física de uma criança e colocá-la em risco. Na ocasião, as aias são recrutadas para o habitual ritual de Salvamento. No entanto, elas se surpreendem ao se deparar com a figura de Janine. Após terem se munido de pedras, mesmo estando suscetíveis a sanções por desacato à autoridade da Tia e do sistema, as aias se rebelam, recusando tirar a vida de Janine. Ofglen dá um passo à frente e diz a Tia Lydia que elas não podem fazer isso e diz às aias que isso é loucura. Mas Tia Lydia ordena que prossigam com o ritual. Ofglen continua resistindo, é agredida por um dos Olhos e é retirada do local.

Num ato de coragem, Offred se recusa a apedrejar Janine. Ela está ciente do quanto a sua rebeldia pode lhe custar, mas também sabe que não consegue fazer uma coisa tão abominável. O ato de coragem de Offred foi o suficiente para que as outras aias a seguissem. Todas as aias deixam suas pedras caírem e pedem desculpas a Tia Lydia. Não fazer nada é o maior símbolo de rebelião que qualquer uma delas poderia ter feito naquele momento. Offred dá um passo à frente, claramente desafiando a autoridade da Tia Lydia e, conseqüentemente, o sistema. Todas têm medo, mas sabem que unidas são mais fortes, se servindo da pequena garantia de que não ousariam matar a todas, por que quem teria filhos por elas? Esse ato é considerado como a mais importante manifestação de empoderamento feminino e sororidade entre mulheres na série.



**Figura 5 — The Handmaid's Tale 1x10 – Night.**

**Exibição: 14 de junho de 2017.**

Em suma, os relacionamentos significativamente importantes que Offred forma com outras mulheres, especialmente Serena Joy e Ofglen, moldaram seu crescimento e a maneira como ela percebe e interage com o mundo.

Serena Joy teve um impacto único na vida de Offred. Embora o relacionamento delas fosse estranho na melhor das hipóteses, Serena certamente rompeu com seu papel esperado para ajudar Offred. Sua sororidade não era de forma alguma necessária, e ainda assim ela ofereceu um caminho de sobrevivência para sua aia, o que realmente não a beneficiou em nada. Embora isso não justifique a complacência geral de Serena com o sistema em vigor, ou mesmo a faça parecer uma boa pessoa, ela foi gentil com Offred por sua conta e risco. Embora o ato de Serena seja mais uma demonstração de pena do que de sororidade, suas escolhas tiveram um impacto positivo, abrindo um novo capítulo na vida de Offred .

Finalmente, Ofglen mudou a trajetória da vida de Offred como aia, tornando-a parte do Mayday e estabelecendo o senso de comunidade em sua vida. Mayday, junto com a amizade de Ofglen, tornaram as esperanças de liberdade de Offred uma realidade. Ela também reintroduziu o perigoso o conceito de "nós" em vez de "eu", uma oportunidade de alívio, segurança e confiança. No entanto, o relacionamento delas era muito mais significativo no dia a dia de Offred. Não tendo mais ninguém com quem conversar livremente, elas se tornaram confidentes e fonte de notícias, mas o mais importante, elas confiavam uma na outra. No final, quando Offred está prestes a ser resgatada - provavelmente pelo Mayday - a importância de sua amizade e sacrifício de Ofglen fica clara. A comunidade clandestina em que Ofglen a colocou a salvou, pelo menos por um tempo, tudo porque ela aceitou correr o risco de uma ameaça potencial: sua amizade com Ofglen.

Em última análise, em quem as aias decidem confiar determina sua qualidade e duração de vida. No caso de Offred, ao confiar em algumas das mulheres ao seu redor, sua história desenvolveu mais esperança e mais retaliação contra o sistema que a ameaçava. Se ela não tivesse se conectado com ninguém do jeito que fez, provavelmente estaria enfrentando mais inquietações emocionais e possivelmente uma passagem só de ida para as Colônias. Como ninguém apoiava as mulheres, elas tinham que apoiar umas às outras, mesmo que isso significasse uma possível sentença de morte.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos a obra *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, distopia de grande repercussão político-social que dialoga com temas atuais como feminismo, fundamentalismo religioso, política, direitos de minorias, gênero dentre outros, na expectativa de contribuir com o estudo do movimento de mulheres no Ocidente. *O Conto da Aia* é uma obra que se fez em cima de experiências passadas e presentes e expõe como os horrores do patriarcado são praticados, na humanidade, até os dias atuais; e como o mundo da ficção é tão próximo do mundo real, com temas que fazem refletir sobre a realidade: opressão feminina, medo, fundamentalismo religioso e político, e sequestro à liberdade.

O conto distópico sobre a opressão das mulheres numa sociedade patriarcal, teocrática e militar deixa evidente a reflexão sobre o quão a função biológica da mulher pode ser usada como pretexto para o controle social de sua autonomia, dos direitos reprodutivos e da sexualidade das mulheres, que passam a ter a maternidade como pressuposto norteador de seu papel na sociedade.

O intuito desta pesquisa é mostrar que a sororidade é uma resposta moral à sociedade patriarcal, e é importante para perceber esse comportamento e, coletivamente, dismantelar esse padrão que foi estabelecido, possibilitando perceber as tentativas do patriarcado de estabelecer desunião entre as mulheres. O sentimento de sororidade, portanto, encorajaria as mulheres a conduzirem, juntas, um movimento político de transformação das estruturas da sociedade. O ato de união e sororidade mútua trará mais força para o movimento e, assim, provocará uma transformação da estrutura social.

Além disso, apesar das muitas conquistas de direitos, obtidas através de uma longa história de luta, sob a bandeira do feminismo/feminismos, nenhum direito é permanente. Principalmente os direitos humanos e das minorias historicamente oprimidas, eles podem retroceder a qualquer momento, especialmente em tempos de intolerância. Por isso, as mulheres precisam passar a se perceber como um todo.

Por fim, é importante frisar que a falta de sororidade não deve significar a culpabilização do coletivo de mulheres. A violência sofrida por elas não é consequência de sua desunião, mas sim consequência de um sistema patriarcal que garante a dominação de um grupo (homens) que impõe seu poder contra outro (mulheres). E esse controle acontece por meio de instituições políticas, culturais e religiosas, que tecem uma estrutura que coloca as mulheres em posições vulneráveis e marginalizadas dentro do tecido social.

Ademais, uma outra análise pode ser feita a respeito de Moira, melhor amiga de June/Offred, que é abertamente lésbica, e na sociedade *gileadeana* a heterossexualidade passa de compulsória para obrigatória. A heterossexualidade é imputada através de diversas práticas sociais e o sistema trata a homossexualidade ou pessoas que se desviam da ordem heterossexual como “traidores de gênero”. Um estudo pode ser feito sobre gênero e sexualidade e como o Estado tenta não somente controlar o corpo das mulheres, mas também apagar a sua identidade.

## 6 REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood on What 'The Handmaid's Tale' Means in the Age of Trump. **The New York Times**, 10 mar. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.amp.html>. Acesso em: 29 setembro 2021.

ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood Teaches Creative Writing. **MasterClass**, 11 jul. 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=lbMPDk7CF6g&ab\\_channel=MasterClass](https://www.youtube.com/watch?v=lbMPDk7CF6g&ab_channel=MasterClass). Acesso em: 26 julho 2022.

BAUER, Patricia et al. "The Handmaid's Tale". **Encyclopedia Britannica**, 18 set. 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/The-Handmaids-Tale-by-Atwood>. Acesso 29 setembro 2021.

COSTA, Suely G.; Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos. Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX. **INTERthesis**. Florianópolis, v. 6, p. 01-29, 2009.

IDOETA, Paula Adamo. A tragédia na Romênia comunista que revelou à ciência os danos da negligência na infância. **BBC News**, São Paulo, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50790315>. Acesso em: 29 setembro 2021.

LEAL, Tatiane. A INVENÇÃO DA SORORIDADE: sentimentos morais, feminismo e mídia. Rio de Janeiro, 2019. **Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)**. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

LEAL, Tatiane. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. **REVISTA ECO-PÓS (ONLINE)**, v.23, p.139-164, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

RONDELLI, Carolina de Almeida. **Obras de Ficção Distópica como Profecias Autodestrutivas na Política Internacional: um estudo de “O Conto da Aia”**. 2021. 31 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

ROTHSTEIN, Mervyn. No balm in Gilead for Margaret Atwood. **The New York Times**, 17 Fevereiro 1986. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1986/02/17/books/no-balm-in-gilead-for-margaret-atwood.html>. Acesso em 30 setembro 2021.

SUTTERUD, Tone. I’m a child of Argentina’s ‘disappeared’. **The Guardian**, 27 dez. 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2014/dec/27/child-argentinias-disappeared-new-family-identity>. Acesso em: 29 setembro 2021.